

ARENA CONTA ZUMBI

AUTOR: G. Guarnieri, Edu Lobo e Augusto Boal

Número de personagens: 19 homens e 2 mulheres, mais figurantes, povo, etc.

Personagens:

Zambi -
Mercador -
Cantador -
Nico -
Narrador -
Don Pedro -
Tesoureiro -
Ganga Zona -
Gongoba -
Segé -
Capitão -
Mordomo -
Clotilde -
Feitor -
Padre -
Arauto -
Don Ayres -
Carrilho -
Capistrano -
Negro -
Dandara -

Número de páginas: 24

Número de exemplares: 1

Atos: 2

TEATRO DE ARENA - 226-0242
Av. Borges de Medeiros, 835 — CEP 90010

Tema: Trata da luta dos negros e do povo em geral pela liberdade.

ARENA CONTA ZUMBI

Musical em dois atos de
G. Guarnieri — Augusto Boal — Edu Lobo
TEATRO DE ARENA DE SAO PAULO

PRIMEIRO ATO

RITMO; ATABAQUE; BATERIA. TODOS OS ATÓRES ENTRAM E CANTAM. OS ATÓRES NÃO SAEM NUNCA DE CENA ASSUMINDO OS SEUS DIFERENTES PERSONAGENS DIANTE DO PÚBLICO.

1

O elenco do Arena começa a cantar:

- 1 — O Arena conta a história
pra você ouvir gostoso,
quem gostar nos dê a mão] bis....
e quem não, tem outro gôzo.]
- 2 — História de gente negra
da luta pela razão,
que se parece ao presente
pela verdade em questão,
pois se trata de uma luta
muito linda na verdade:
É luta que vence os tempos,] bis
luta pela liberdade!]
- 3 — A história que o Arena conta
é a epopéia de Zumbi;
tanto pró e tanto contra] bis
juízo em Deus que nunca vi.]
- 4 — Os atôres têm mil caras
fazem tudo nesse conto
desde preto até branco] bis
direitinho ponto por ponto.]
- 5 — Há lenda e há mais lenda
Há verdade e há mentira:
de tudo usamos um pouco
mas de forma que servira
a entender nos dias de hoje
quem está com a verdade,] bis
quem está com a verdade,] bis
quem está com a mentira.]

2

Há lenda e há mais lenda,
há verdade e há mentira,
de tudo pegamos um pouco,
mas de forma que servira
A entender no dia de hoje

quem está com a verdade] 3 vezes
quem está com a verdade]
quem está com a mentira.]

(Os atôres se acomodam em cena e as frases seguintes são ditas na quase escuridão, sussurradas).

Tem rei no açoite?
tem rei.
Tem rei lutando?
Tem rei.
Tem negro apanhando?
tem lei.
Tem gente brigando?
Epa rei, meu pai.
É Zambí?
Zambi no açoite.

ZAMBI NO AÇOITE

É Zambi no açoite, éi, éi, é Zambi
É Zambi, tui, tui, tui, tui, é Zambi
É Zambi na noite, éi, éi, é Zambi
É Zambi tui, tui, tui, tui, é Zambi (Repetir durante o texto seguinte).

O número de mortos na campanha de Palmares — que durou cerca de um século — é insignificante diante do número de mortos que se avoluma, ano a ano, na campanha incessante dos que lutam pela liberdade. Ao contar Zambi prestamos uma homenagem a todos aqueles que, através dos tempos, dignificam o ser humano, empenhados na conquista de uma terra da amizade onde o homem ajuda o homem.

Vem filho meu, meu capitão.
Ganga Zumba, liberdade, liberdade
Ganga Zumba, vem meu irmão.
É Zambi morrendo, éi, éi, é Zambi
É Zambi tui, tui, tui, tui, é Zambi
Ganga Zumba, éi, éi, éi, vem aí] bis
Ganga Zumba, tui, tui, tui, é Zambi.]

(Entra um cantador — O papel do cantador é desempenhado indiferentemente por todos os atôres).

~~Novembro-Dezembro, 1970~~

TEATRO DE ARENA - 226-0242
Av. Borges de Medeiros, 835 — CEP 90010



CANTADOR:

Feche os olhos e imagine
Viver em mil e seiscentos
em plena terra africana
vendo os maiores portentos
Havia guerra e mais guerra
entre o pessoal de lá,
era gente de Zambí que só queria lutar:
É assim que conta a História
que num feio navio negroiro

TODOS

Rei Zambí tão afamado
viajava prisioneiro

(Os atôres jogam-se ao chão simulando um
barco. Remam)

3

CÓRO:

Êi, Zambí! Êi, Zambí! Êi, Zambí!
Zambí no açoite!
Êi, Zambí!
Zambí perdido no mar...
Êi, Zambí!
É noite Zambí!

ZAMBI: (de pé com as mãos amarradas às
costas, no meio do barco) — Quebro as pontes,
derrubo as velas, arrebeno o mundo.

— Êi, Zambí!

ZAMBI: Luanda, Luanda!

— Cadê seu filho, Zambí?

ZAMBI: Ficou em Luanda, ficou cercado,
sòzinho lutando.

— Cadê seu neto, Zambí?

ZAMBI: Ganga Zona seu nome, nem mes-
mo gente inda é. É dor irmão.
Que faz êsses negros parado, que
faz que não quebra êsse bojo e
atira tudo no mar?

— É o banzo, Zambí, é o Banzo.

CÓRO: É o Banzo, é o banzo, é o banzo
Luanda, Luanda
Ai, sinto o cheiro da mata
das terra de lá
Luanda,
Luanda, cadê Luanda,
aonde está, aonde está
Cadê Luanda, aonde está

4

CÓRO: Quebra o mastro
Quebra a vela
Quebra tudo que encontrá

Quebra a dôr
Quebra a saudade
Quebra tudo até afundá.

5

MERCADO — MERCADOR APREGOA SEU PRODUTO

MERCADOR: Olha o negro recém-chegado.
Magote nôvo, macho e fêmea
em perfeito estado de conser-
vação. Só vendo moço e com
fôrças. Pra serviço de menos
empenho tem os mais fracos e
combalido, pela metade do co-
brado. Quinze mil réis o são,
sete mil e quinhentos os estro-
piado. Escravo angolano puri-
nho. Olha o escravo recém-che-
gado, magote nôvo, macho e
fêmea.

CANTADOR: Assim é que conta a história,
que nas terras de um senhor,
sentiu Zambí afamado,
o chicote do feitor.

(TRÊS ATÔRES REVEZAM-SE NA DESCRIC-
ÇÃO CIENTÍFICA, SLIDES ILUSTRATI-
VOS SÃO MANIPULADOS POR UM QUAR-
TO ATOR; UM QUINTO ARRANJA A
TELA)

6

1 — Se desagradava ao branco

2 — Tronco.

3 — Pescoço, pés e mãos imobilizados entre
dois grandes pedaços de madeira retan-
gular.

2 — Se houvesse ofensa mais grave.

3 — Viramundo.

1 — Pequeno instrumento de ferro que pren-
dia pés e mãos do escravo forçando-o a
uma posição incomoda durante vários
dias.

3 — Se a ofensa requeria castigo mais pro-
longado.

1 — Cepo.

2 — Longo toro de madeira que o negro deve-
ria carregar à cabeça prêso por uma cor-
rente ao tornozelo.

1 — Se fugisse.

2 — Libambo.

3 — argola de ferro que rodeava o pescoço do
negro com uma haste terminada por um
chocalho.

2 — ou então a gargalheira.

3 — ou golilha.

REVISTA DE TEATRO



- 1 — sistema de correntes de ferro que impedia os movimentos.
- 3 — Se furtasse.
- 1 — prendiam-lhe na cara uma máscara de fôlha de Flandres fechado no occiput por cadeados e penduravam-lhes nas costas uma placa de ferro com os seguintes dizeres: "Ladrão".
- 2 — ou "Ladrão e Fujão".
- 3 — Se o senhor queria obter uma confissão do negro apertava seus polegares com os anjinhos.
- 2 — Dois anéis de ferro que diminuían de diâmetro a medida em que se torcia um pequeno parafuso provocando-lhe dores horríveis.
- 1 — Nas faltas mais graves o negro era supliciado públicamente nos pelourinhos da cidade com o...
- 2 — bacalhau.
- 3 — um chicote especial de couro cru.

7

ATOR 4 — Não há trabalho nem gênero de vida no mundo mais parecido à cruz e à paixão de Cristo do que o vosso.

TODOS — Padre Antônio Vieira.

ATOR 5 — E foi através desses instrumentos engenhosos que se persuadiu o negro a colaborar na criação das riquezas do Brasil.

FUGA

- 1 — Zambí, êi Zambí!
- 2 — Cadê Zambí?
- 3 — Onde está?
- 4 — Curou as feridas.
- 5 — Tomou fôlego.
- 6 — Estufou o peito.
- 7 — Partiu.
- 1 — Zambí fugiu!

TODOS — Zambí fugiu!

NARRADOR: Negros de todos os lugares procuravam as matas fugindo desesperados. Horror a chibata, ao tronco, às torturas. Buscavam no desconhecido um futuro sem senhor. Enfrentavam todo perigo. Fome, sede, veneno, flexas dos índios, capitães do mato. Agonia pela liberdade. Idéia de ser livre.

NEGROS NAS MATAS

8

- NICO — Não quero ser livre. Ser livre pra que?
- 1 — Quietto Nico, tú vem cum nós.
- NICO — Pra que? Me diz. Pronde é que vocês vão?
- 2 — Pra longe, pra num sei onde.
- NICO — Pois eu fico. No menos sei onde estou.
- 3 — Tu vem cum nós que braço faz falta.
- NICO — Vou coisa nenhuma. Ter muita que- rença dá sempre em bôlo.
- 9 — Quem é negro tem sua sorte que é essa de taí de escravo.
- 5 — Coisa nenhuma, sorte de negro é ganhar a mata, plantá, construir cida- des, seus reis, sua nação.
- NICO — Quem muito quer cai em desgraça. Deixa de ser tão querençoso, mano. Aqui se come, se bebe, se tem teto pra dormir. Negro ladino consegue escapar da chibata e até que a Sinhá daqui não é das mais malvadas.
- 6 — Cala a boca, negro, tu já perdeu a vontade?
- NICO — Vontade eu tenho de saber de mim.
- 7 — Melhor o desconhecido do que essa prisão.
- NICO — Melhor se saber do que se arriscar. O que é que tem aí pela frente, me diz? Que é que tem ninguém sabe, né?
- 1 — Sabemo, que tem gente que já viu. Tem palmeira, árvore de não se acabá.
- NICO — Palmeira e árvore e daí?

(CANTAM A CANÇÃO DAS DÁDIVAS DA NATUREZA)

9

TODOS: De tôda forma e qualidade tem,
 Ôi tem pindoba, imbiriba e sapucaia,
 tem titara, catulé, curicuri,
 tem sucupira, sapucais, putumuju,
 tem pau de santo, tem pau d'arco,
 [tem tatajubá
 sapucarana, canzenzé, maçaranduba,
 tem louro paraíba, e tem
 [pinga (bis)
 NICO — Pare meu irmão de falar em tanta
 [mata
 Com tanta planta eu não sei o
 [que fazer
 mas diga lá se tem bicho pra comer
 se tem bicho pra comer] bis



TODOS: De tôda forma e qualidade tem,
Onça pintada, sussuarana e maracajá.
Oi tem guará, jaguatirica e guaxini.
E tem tatu, tatu peba, e tatu bola
Tem preguiça, tem quati, tamanduá.
E coelho que tem, tem, tem.
Queixada que tem, tem, tem,
Caititu, ôi tem também, diz que
[tem, tem (bis)]
E tem cotia, ôi que tem, tem
E paca será que tem?
Ôi tem preá, e quandá, será que tem?
Ôi diz que tem, tem, (bis)

11

NICO — Pára meu irmão de falar em tanta
[fera]
Com tanto bicho eu não sei o que
[fazer]
um bichinho pra comer eu só quisera,
com tanto assim eles vão é me
[comer. (bis)]

TODOS: Mas tem os peixes que ainda não
[falei]
De tôda forma e qualidade tem
Tem traíra, e tem cará e jundiá.
Tem caborge e tem piaba e carapó.
E pitu e caranguejo e aruá (bis)

13

NICO — Mas também tem cobra que é um
[nunca se acabar]
tem jacaré, cobra rainha e tem
[mussú,
tem caninana, tem jibóia e jericóá,
tem jararaca, cascavel, surucucú,
e papa ôvo, e cobraverde, assim
[não dá. (bis)]

14

MOÇAS: Mas tem sabiá, tem canário e curió
tem passarinho tão bom de se olhar,
Papa capim, cardeal e arumará,
e tem xexéu, guriatã e tem brejá.

15

MOÇOS: E se quiser comer galinha
tem de tôdas pra fartar.
Tem pomba de três côco e tem pato
[mergulhão,
Aracuã jaçanã e tem carão.
Juriti, cardigueira, e paturi. (bis)

(Um ator simula o ruído do paturi — os outros estranham).

NICO — Mas e nessa abençoada região,
será que tem o que faz falta
[na verdade?

TODOS: O que é, o que é, o que é??? (bis)

NICO — Me diga meu irmão, se nessa grande
mata é possível, é possível ter
[mulher? (bis)]

(Depois de uma pausa).

TODOS: Aí está uma coisa que não. (bis)
(tristes)

16

NICO — Pois sendo assim eu prefiro o
[cativeiro. (bis)]

TODOS: Meu irmão está com tôda razão. (bis)

— Vai lá Carengue e toma as providên-
cias — 20 negras! — 40! — Pra ca-
da um!

SAMBA DO NEGRO VALENTE E DAS NE- GRAS QUE ESTÃO DE ACORDO

17

Negra, compreenda que não dá, não vai
[dar pé,
Viver só de valentia, é preciso ter mulher
que nos faça companhia. (bis)

Negra não esperneie não,
que o negro sem sua nêga
já não pode ser um homem
pode não. (bis)

Só o verde da mata num dá
pra um homem ser feliz
é preciso ter mulher
pra saber o que se diz.

18

19

Liberdade sòmente não dá, — não! (bis)
pra se ter um bem viver,
sem o carinho da minha nêga
é melhor morrer.

20

21

ELAS — Pois é, de sinhô em sinhô,
eu prefiro meu nêgo que é da
[minha côr. (bis)]

Liberdade sòmente não dá,
pra gente ser feliz
é preciso de um nêgo...



ELES — É preciso de uma nêga..

ELAS — É preciso de um nêgo
para a gente ser feliz.

(TIROS DOS BRANCOS EM BUSCA DAS
NEGRAS ROUBADAS).

22

- Que foi?
- É os branco vingando o roubo das escravas.
- Toraram as vontade de nós.
- Cadê Carengue?
- Morreu.
- E Salé?
- Morreu.
- Que se faz, gente?
- Sou pela volta. Melhor enfrentar libambo que sofrer assim nesse fim de mundo.
- É na briga que se pode ganhar.
- Que liberdade é essa se é preciso trabalhar?

ZAAMBI: Para meu povo que quem fala agora é rei.

23

TODOS: Zambi.

ZAMBI: Reis de vós, reis dos negros que procura ser livre. Quem quiser por a prova a fôrça dos reis que venha.

TODOS: Dunga tará, sinherê!

ZAMBI: Ser livre num é encostar o corpo. Ser livre é trabalhar e vigiar e poder continuar senhor de si. Quem procura na vida só o que é doce, não vai ter nem doce e nem fel, vai ser vazio e sem rezina, homem perdido pra vida, escravo no fato e na verdade.

TODOS: Dunga tará, sinherê!

ZAMBI: Pois que Zambi é rei, Zambi: vai dar as ordens. É no trabalho que um dia a gente pega o sol com a mão. É no trabalho que se faz o mundo mais de jeito. Em cada coisa que a mão livre do negro encostar novas coisas vão nascer. Não vamos viver só das coisa já nascida, das coisa que Deus deu. Vamos fazer o mundo mais de nosso jeito.

NICO: Viva a lei de Zambi.

TODOS: Dunga tará, sinherê.

24

ZAMBI: Se a mão livre do negro tocar na argila, o que é que vai nascer?

TODOS: Vai nascê pote pra gente beber nasce panela pra gente comer, nasce vasilha, nasce parede. nasce estatuinha bonita de se ver.

ZAMBI: Se a mão livre do negro tocar na cnça, o que é que vai nascer?

TODOS: Vai nascer pele pra cobrir nossas [vergonha, nasce tapête pra cobrir o nosso chão, nasce caminha pra se ter nossa ialê, e atabaque pra se ter onde bater.

ZAMBI: Se a mão livre do negro tocar na [palmeira o que é que vai nascer?

TODOS: Nasce choupana pra gente morar, e nasce rede pra gente se embalar nasce esteira pra gente deitar nasce os abano pra gente abaná.

25

ZAMBI: Essa riqueza tem fonte e essa mão livre tem dono. Ajoelha quilombola que o dono mora nas estrêla. O rei agradece e seu povo concorda.

AVE MARIA

ZAMBI: Ave Maria cheia de graça. Olorum [é convosco Bendito é o fruto de vosso ventre. Bendita é a terra que plantamos Bendito é o fruto que se colhe.

CÓRO: Ave Maria, bendito seja Ave Maria cheia de graça, Olorum.

ZAMBI: Bendito é o trabalho neste campo Bendita é a água que se bebe Bendita é a mulher de quem se gosta Bendito é o amor e nossos filhos.

CÓRO: Ave Maria cheia de graça Ave Maria bendito seja, Olorum

ZAMBI: Bendita é a palmeira, o rio, o canavial Bendito é o peixe que se come Bendito é o gado que se come.

CÓRO: Ave Maria cheia de graça Ave Maria, bendito seja Olorum

~~Outubro-Dezembro, 1970~~



ZAMBI: Bendita é a caça e a flexa
 CÔRO: Ave Maria, bendito seja
 ZAMBI: Bendita é a enxada e a semente
 CÔRO: Bendita seja, cheia de graça, Olorum
 ZAMBI: Perdoai os nossos erros.
 CÔRO: Ave Maria cheia de graça
 ZAMBI: Perdoai, Ave Maria

26

Perdoai a morte que matamos
 O assalto, o roubo,
 Perdoai, perdoai Ave Maria

CÔRO: Ave Maria cheia de graça
 Perdoai, Ave Maria, Olorum.

ZAMBI: Perdoai o nosso orgulho.
 CÔRO: Perdoai, Ave Maria.
 ZAMBI: Perdoai a nossa rebeldia
 CÔRO: Perdoai, Ave Maria.

ZAMBI: Perdoai a nossa coragem
 CÔRO: Perdoai, Ave Maria.
 ZAMBI: Perdoai a fuga do cativoiro
 CÔRO: Perdoai, Ave Maria.
 ZAMBI: Perdoai as nossas dívidas
 CÔRO: Perdoai, Ave Maria.

ZAMBI: Perdoai-nos Ave Maria. Assim como
 nós perdoamos os nossos senhores.

CÔRO: Perdoai, Ave Maria.
 Ave Maria cheia de graça
 Olorum, Amém, Amém, Amém.

27

PREÇO E PERDÃO

— Os senhores do Brasil perdiam seus escravos dia a dia, hora a hora, a cada instante. Cada peça em bom estado de saúde custavam vinte mil réis. Dois ou três milhões de cruzeiros de hoje em dia, mais de mil dólares na cotação de ontem. Os senhores foram pedir socorro do governador da capitania de Pernambuco, Dom Pedro de Almeida, nomeado por sua Alteza, Deus Guarde.

Gianfrancesco
 Guarnieri em ARENA
 CONTA ZUMBI, de
 Boal e Guarnieri,
 direção de Augusto
 Boal, pelo Teatro de
 Arena de São Paulo.



REVISTA DE TEATRO



- Senhor, os negros são cautos e suspicazes. meu senhor.
- Cada dia crescem mais em número.
- Roubam nossos escravos com suas mulheres e filhos.
- Roubam as nossas negras, senhor.
- As negras do nosso prazer êles as roubam para a sua devassidão.
- As negras cativas não foram aos Palmares senão furtadas, que de vontade livre ficariam conosco.
- A muitas os negros puzeram o punhal aos peitos.
- Já tomaram tanto o barlavento aos seus senhores que falam e cantam a fundação de Angola Janga, Angola Pequena.
- Senhor, bem sabeis que cada negro que morre é ouro que se perde.

28

DOM PEDRO — A honra e a glória de SA, que Deus guarde, exigem a recaptura desses negros foragidos. Que se faça já a conta dos gastos e se divida a soma por tôdas as cidades interessadas.

29

TESOUREIRO — 300 soldados, 200 arcos e 100 armas de fogo, total 700 mil réis, e mais 100\$000 por mês para os mantimentos. Pôrto Calvo dará 350\$, Alagoas 150\$, Penedo de São Francisco 25\$000, para as despesas gerais Pôrto Calvo dará 50\$, Alagoas 50\$ e Penedo de São Francisco 50\$. Por cada presa recapturada, seu legítimo proprietário se obrigará a pagar a quantia de 12\$000 de tomadia a exceção das presas menores de três anos pelas quais pagará o seu justo valor.

DOM PEDRO (Depois que saíram todos) — A honra e a glória de SA, que Deus Guarde e o equilíbrio orçamentário da capitania magnanimamente concedem o perdão a êsses negros pecadores.

30

CANTADOR: E assim ficou provado pelo [sim e pelo não

Que fujão recuperado custava [mais ao patrão, e pelas contas já feitas quem [fugiu teve perdão mais negócio ficou sendo fazer [mais importação.

CÔRO: Navio chegando, chegando de lá, com escravo apanhando até [se fartar. Escravo de monte de tôda nação pra um que fugia chegava [um montão.

31

GERAÇÃO REAL

CANTADOR: Numa dessas má viagem vinha bom carregamento, negro de real linhagem, num terrível sofrimento Ganga Zona aprisionado, fala a alguém do seu tormento.

(CENA NO NAVIO NEGREIRO)

VOZ — Três nós a barlavento.

(Côro — faz o éco).

GANGA ZONA — E teu nome qual é?

GONGOBA — Gongoba, meu ganga.

GANGA ZONA — Num sou teu ganga só, hei de ser mais. O que fica prá nós fazer é de importância.

GONGOBA — Nada fica, meu ganga. Daqui pra lém só pode ser de pior.

GANGA ZONA — Mesmo aqui nesse inferno de porão nós conseguiu bastante.

GONGOBA — Um nada meu ganga. Coisa sem prosseguimento. Gongoba foi mulher de Ganga Zona e agora? Nem ser de Ganga num vou mais. Em se chegando, vai ser cada um pra branco diferente.

GANGA ZONA — Que é isso? Ialê de Ganga Zona com tal descrença? E os contos que se diz de Zambí?

VOZ — Marinheiros a postos.

(Côro — faz éco).

GONGOBA — Zambí é esperança!

GANGA ZONA — Zambí é pai do pai de eu. Zambí é avô de Ganga Zona e Reis. Reis de valentia que nunca vai ser bastante louvada, Zambí carregou negros de coragem e fundou terra livre no meio da escravidão.

GONGOBA — São contos meu ganga, co-chicho de gente que quer se enganar pra escapar do banzo.

GANGA ZONA — Verdade que eu tenho no sangue. Em lá chegando se procura Zambí.



GONGOBA — Sonho de meu Ganga é sonho bonito.

GANGA ZONA — Verdade pra minha ialê.

GONGOBA — Com sua licença eu choro.

GANGA ZONA — Chora não Gongoba, chora não. Mesmo sendo Ganga eu estou sendo de pouca valia, eu sei. Mas de nós alguém vai vir. Raça não se acaba nessa escuridão. Enquanto um de nós pudé se ver com o outro... raça não acaba.

VOZ — Dois nós a barlavento!

(Côro — éco; movimento de ondas o tempo todo).

(GONGOBA CHORA; CÔRO AUMENTA. CANÇÃO PARA GONGOBA)

32

Pra você que chora
e sofre a tanto tempo amor
vou contar baixinho,
um sonho, que nasce de nós dois,
Um sonho lindo de nós dois
você vai ver, ai você vai ver
Surgir de nós
alguém que vai
ser bem mais que nós
ser o que não posso ser.

Enxuga os olhos
não chore mais meu triste amor
pois dêste abraço
é um rei que vai nascer
é um rei que nova vida
vai trazer, você vai ver
ai, você vai ver surgir
de nós,
(Côro canta a partir daqui).

33

um rei que vai
ser bem mais que nós
ser o que não pude ser.

(CONSTRUÇÃO DE PALMARES)

34

Trabalha, trabalha, trabalha irmão
Trabalha, trabalha, de coração.
Palmares tá grande, Palmares cresceu,
com a força do braço do negro que
[sabe o que é seu.

Zambi que é reis sabe governar
e já fêz coisas de espantar.
Zambi venha ver eu acabar
mais uma casa pra gente morar. (bis)

REFRÃO de Policia Federal



35

— Salve Zambi.

— Salve Reis.

TODOS — Dunga tará, sinherê.

ZAMBI — Quilombola. Faz tempo que tudo nós pra cá veio. Foi vencida a dureza da mata e depois do primeiro muitos quilombo cresceu, e os quilombos reunido Palmares formou. Meu irmão ganga de quiloange.

— Presente meu reis.

ZAMBI — Quilombo de Arotirene.

— Presente meu reis.

ZAMBI — De Dambrabanga.

— Presente meu reis.

ZAMBI — Quilombola valente da Cêrca do Amaro.

— Presente meu reis, sinherê.

ZAMBI — Irmão de Andalaquituxe.

— Presente meu reis, sinherê.

ZAMBI — Mocambo de Ataboca.

— Presente meu reis.

ZAMBI — Disse e vou dizer. Liberdade é o trabalho que dá e o trabalho só é livre quando se é dono dêle. Fazendo êle pra nós e não nós pra êle como o branco quer.

REFRÃO

36

É pro negro se defender
do branco que vêm pra invadir
uma paliçada eu vou fazer
e bem dura eu vou construir
Fure um fôssó bem fundo irmão,
pegue nos paus de penta em montão
espete no fôssó de ponta pro ar
pra que fure quem queira chegar.

37

REFRÃO

— Êi negro motó, vem cá me ajudar com essas estacas.

— É gente trabalhando, e gente nascendo e gente batizando e gente desbatizando.

— Meu nome de escravo era João Romão.

38

— Em nome de Olorum pois fica sendo Ê-Bilal.

— Meu nome de escravo era Pedro.

REVISTA DE TEATRO

- Em nome de Olorum pois fica sendo Ê Turiandú.
- Meu nome de escravo era Zé Firi.
- Em nome de Olorum pois fica sendo Ê Firiri.
- Num mudou quase nada...

REFRÃO

- Tem gente trabalhando, tem gente nascendo, tem gente crescendo e tem gente casando.

(CASALZINHO SE NAMORANDO)

39

- Êi, Segé, tu num casou ainda antes de ontem com a Milena?

SEGÉ — Foi.

- Pois que faiz tu aqui com a desconhecida.
SEGÉ — Casei inda gorinha. Agora são a Milena, Micoti, Rainha, Turiadá. E agora mais a Eforge. Dentro da lei e com tôdas as benção.

- Êi, Palmares crescendo.

SEGÉ — As quatro de antes já estão com cria no bucho. Agora vou botar no buchinho desta aqui também.

REFRÃO

40

- Ai!
- Que foi bantú?
- Martelei o dedo.

REFRÃO

41

Trabalha de fato na plantação
que cana floresce e se pode vender
tem branco de monte querendo comprar
Liberdade do negro sabendo entender.

42

- A cidade branca de Pôrto Calvo quer comprar 300 feixes de cana, 100 partidas de argila trabalhada, uma carroça de cestos.
- A cidade branca de S. Miguel 100 feixes de cana, 10 partidas de argila trabalhada, azeite, milho e hortaliça.

~~Novembro-Dezembro, 1970~~

- A cidade branca de Serinhaém cana, azeite, argila trabalhada, milho, hortaliça e o que der mais na produção.

43

Branco comprando
negro vendendo,
branco trocando
negro se armando
Pra cada pote de argila
pra cada cana vendida,
se compra muita espingarda
pra defender nossa vida.

44

Negro vende e branco compra
branco vende e negro compra,
branco dá e negro dá,
é um danado de trocar.

A BONDADE COMERCIAL

CANTADOR:

E tanta riqueza Palmares produzia
que o branco começou a se comover
e no vende que vende e troca
até mesmo amigo do negro quis ser
E o branco comerciante
contava na cidade
ter pelo negro quilombola
uma grande amizade.

COMERCIANTES:

Nós os brancos comerciantes
sabemos ter muita amizade
pelo negro que trabalha
tão distante da cidade.
Queremos paz, prosperidade,
chega de raiva e de maldade,
de tudo um pouco nós compraremos
e muitas armas venderemos.
Pra que o negro não se sinta
tão sòzinho no sertão
E quem é amigo sempre se entende
e bons preços conseguiremos,
e o negro nos compreende
e das armas tem precisão.

CANTADOR:

Mas pros donos das sesmarias
essa paz já não servia
e berravam na cidade
que só a guerra é que resolvia.



DONOS DAS SESMARIAS:

Nós os brancos senhores da terra
fiéis vassallos de Portugal
aqui chegamos, lutamos, vencemos
e desbravamos esse país.

O que aqui existe só a nós pertence,
aqui trabalhamos, Nosso sangue correu
O negro trouxemos, o negro compramos
pagamos bom preço ao barão espanhol.
A paz que se pede com o negro rebelde
é paz enganosa, é pura traição.
Paz é quietude que trará sofrimento
É perda de ouro, da honra e de tempo.
Negro que foge é negro rebelde
é o grito de guerra de um mero cativo
A paz é a vitória, do subversivo.

— Viva a guerra!

COMERCIANTES:

Nós os brancos comerciantes
nos guiamos pela bíblia,
o livro santo diz ser pecado
matar o negro trabalhador.
Não deixaremos ser massacrado
o povo heróico e sofredor.

CÓRO DE NEGROS:

47

Trabalha, trabalha, trabalha irmão
que o branco vai nos defender,
contra o branco que nos que perder,
mas armas não é preciso não
por isso chega de comprar,
agora vamos só vender,
os preços temos de aumentar
o branco vai nos entender.

COMERCIANTES:

48

Nós os brancos comerciantes,
nos guiamos pela bíblia
o livro santo prevê este caso
no Evangelho de Ezequiel:
— Com a rebeldia não há concórdia.
Punir com firmeza é uma forma
de demonstrar misericórdia.

COMERCIANTES E DONOS DAS
SESMARIAS:

— Nós os brancos, senhores da terra
— Nós os brancos, comerciantes

Resolvemos sem santa união
dar fim ao povo rebelde
exterminar a subversão.

CÓRO:

O negro destruiremos (bis)

49

DIARIO DE VIAGEM:

Atenção senhores: Diário de Viagem do
Capitão João Blaer que no dia 1.º de março
partiu de Salgados com tóda a sua gente a
fazer uma entrada aos Palmares, a fim de des-
truir e reduzir ao cativeiro os negros rebela-
dos. Com a palavra, Capitão.

50

CAPITÃO — Partimos no dia 1.º. (I) No dia
2 topamos com um monte chamado Elinga. (II)
ali caminhamos duas milhas e topamos com o
rio chamado Sebauma, onde nossos índios fis-
garam muitos peixes chamados Tairairais.

— No dia 3 topamos com o monte chamado
Tamala onde pernoitamos. (III)

— No dia 4 topamos com um antigo engenho
por nome São Miguel (IV) caminhamos uma
milha pequena quando topamos com alguns
mundéus (V) isto é, armadilhas de pegar
caça, as quais porém estavam vazias. Man-
damos nossos índios examinar se por ali ha-
via pegadas de negros.

— No dia 5 topamos com um grande pássaro
chamado Enijma, (VI) que em nossa língua
quer dizer (VII) Pássaro de Chifre (IX). O
capitão dos nossos índios o abateu com uma
flexa e jantamos bem.

— No dia 6 continuamos em vão a caça dos
negros.

— No dia 7 topamos com um monte chamado
Taipou. (X)

— No dia 8 topamos com o rio Segouí. (XI)

— No dia 9 topamos com dois montes alcan-
tilados aos quais se dá o nome de Grasqua
e continuamos a procura dos negros.

— No dia 10 topamos com os rios Parangabo,
Parungabo e Paraíba.



— No dia 11 topamos com o monte Itabaúma.

— No dia 12 topamos com os negros (PAUSA)
Cada negro!

51

Caminhamos tôda a madrugada e no dia 13 estávamos de volta ao nosso povoado. Derrotadas.

CACOS OFICIAILIZADOS

- I — Oh captain, my Captain
II — J'adore les tropiques
III — Foi lá que se deu o crime da mala?
IV — Pour nous les français, c'est Saint Michel
V — Q'est que c'est bundéus?
— Eu disse mundéus, com M de...
— Mon Dieu!
VI — Quer parar? (Afrescalha de vez porque todos falam e não prestam atenção: bicha mesmo).
— Continuez s'il vous plait!
VII — Não sei se deva
— Deva! Deva!
IX — Comme le diable: au oiseau avec le corne!
X — Escreve-se Taipou, mas lê-se Taipou (em inglês).
XI — Son cul!

REFRÃO Trabalha

52

CANTADOR:

Enquanto tais sucessos
infernizam o Continente
o navio traz ao pôrto
de Zambí nobre parente.
Ganga Zona escravizado
de Gongoba separado,
segue junto de sua gente
pra senzala acorrentado
sem saber que sua Gongoba
traz em si filho gerado
pelo amor que o ganga sente.

CAPATAZ — Adiante cambada, rijo nas pernas que tem caminho. Vocês até que tão com sorte cambada. Vão pras terras de D. Fernando que é homem de bom coração e nem sempre dá o trato que vocês merece. Mas comigo é bom ficar de sobreaviso. Não há escravo ladino que me passe a perna. E de riscar estas costas pretas com bacalhau, tenho até gosto. Adiante cambada, vá.

NEGRO — Meu ganga, Ganga Zona, meu Ganga.

GANGA ZONA — Fala baixo, ninguém precisa saber que acorrentaram um Ganga.

NEGRO — Essas terras são de tal lonjura que de lá ninguém consegue sair, meu ganga. E essa bondade de D. Fernando é mentirosa. Se atenção é escapar, só se fôr a caminho.

GANGA ZONA — Tá pensando nos impossível irmão. Não se conhece o terreno e os mosqueteiro que segue nós são de número e bem armado.

NEGRO — Eles não esperam a fuga por hora. Melhor morrer de bala que enfrentar cativo de D. Fernando. Conheço êsse ofício, há 3 anos que vivo por êsse mundo, vendido e mais vendido, um senhor mais pior que outro... Veja meu Ganga, praquelas bandas, Serra Barriga, por ali se estende Aruanda.

GANGA ZONA — Aruanda é bem mais longe, irmão.

NEGRO — Palmar é Aruanda, meu ganga, terra de negro livre, terra de Zambí, nossus reis.

GANGA ZONA — Palmar que se conta é aqui por perto?!

NEGRO — Pois bem ali pelos adentro...

GANGA ZONA — Ganhando a mata se tem esperança de chegar no quilombo?

NEGRO — Nos postos avançado, menos de dia se chega.

GANGA ZONA — Como é que tu sabe tanto?

NEGRO — Sou homem de Palmar... Zambí tem miles de nós espalhado. Nossa honra é trabalhar pelas grandezas dos quilombo. Zambí já soube da vinda de seu neto e mandou que lhe servisse eu de guia até a estrada de Palmar... vontade de Zambí será feita mesmo que Ganga Zona não quize.

GANGA ZONA — Olorum didê, meu irmão. Tô as tuas ordem guerreiro valente.

NEGRO — Tô com 15 homem avisado. Segura a corrente, meu ganga e passando junto ao feitor garre êle pelo pescoço com ela, vai ser o sina.. Depois é ir com nós.

GANGA ZONA — Seja.

53

CANTADOR:

E foi num de repente
que Ganga Zona aprisionado
por chamado de Zambí
conseguiu ser libertado
pela fôrça de irmãos negros
ganhou a nata esperançado.



E lá vai Ganga Zona
Guerreiro neto de Zambi
em demanda dos quilombos
apressado a sorrir.
Seu guia vai ao seu lado
bem contente de servir
a ganga tão afamado
que lhe diz do seu sentir.

ORAÇÃO:

Por amor andei
Tanto chão e mar, senhor,
já nem sei.
Se o amor não é mais
bastante pra vencer,
eu já sei o que vou fazer:
meu senhor uma oração
vou cantar pra ver se vai valer.
Laia, ladaia, sabatana ave Maria.

54

(Côro canta)

Ó meu santo defensor, traga o meu amor,
Laia, ladaia, sabatana ave Maria.
Se é íraca a oração,
mil vêzes cantarei,
Laia, ladaia, sabatana, ave Maria.

F E S T A

(AO TERMINAR A REZA ENTRA FLAUTIM
COM MÚSICA SEISCENTISTA; SÓBRE A
SUAVIDADE DA MÚSICA ENTRA FIRME
CANTADOR)

CANTADOR:

Enquanto Ganga Zona rezava
pra Deus nosso Senhor
festação grossa havia
no palácio do governador.

55

- Menina fremeosa
que nos meu solhos andais:
dizei, porque mos quebrais
- Criei-me com meus cuidados
j'agora não saberia
andar noutra companhia.
- Olha, olha, quem vem.
- Quem é? Quem é?
- Dom Ayres Bezerra.
- Belo tipo.
- Lutou contra os negros o ano passado.
- É êle mesmo.
- Coitade. Morreram todos os seus soldados,
só êle escapou. Era o capitão.

— Dom Ayres, permita-me cumprimentar um
herói.

Ayres — Não há heroísmo que se mantenha
diante de tanta fremeosura.

— E sois vós que o dizeis? Vós que tantas vê-
zes enfrentasteis a morte?

56

Ayres — U'a morte hei de morrer,
que faz mais así, que así;
Isto não posso sofrer:
Haverem de se perder
os olhos com que vos vi.

— Já vai dar em cima do Ayres.

57

MORDOMO — Sua Excelência, o Governador
Dom Pedro de Almeida.

— Oh, on, oh! (Ajoelham-se todos) (Dom Pedro
tem falta de ar, custa a falar, interrompe as
frases no meio, dorme, é acordado —
IMPROVISO).

DOM PEDRO — O valor das armas portu-
guesas foi suficiente para expulsar o inva-
sor holandês. A glória de Portugal nada é im-
possível. Conquistamos terras e derrotamos
invasores na metrópole e no além-mar. Nos-
sos guerreiros têm fama que corre mundo.
Pois tudo isso por que? Porque queremos a
liberdade.

— Exatíssimo, Excelência.

DOM PEDRO — Há algo melhor que a li-
berdade? Não há. A liberdade é a glória de uma
coroa, a glória dos bem nascidos. (*) Mas pô-
bres valôres da nossa sociedade se se admite
que o negro, naturalmente inferior, por vontade
de Deus destinado ao cativo, que não o
infelicitava, mas ao contrário, o humaniza — a
escravidão dignifica o negro! integrando-o na
sociedade na posição que lhe compete. Eis a
ameaça que pesa sobre o Brasil.

— E veja Excelência. Esses negros, inferiores
pela própria natureza, ameaçam construir
uma sociedade bem mais aparelhada, pro-
dutiva e forte do que a nossa. É anti-his-
tórico.

(*) Aqui êle erra e fala primeiro «reem nascidos».
O ajudante corrige.



- Permits-me Excelência uma sugestão. Porque não promulgar uma lei radical que impeça o contato dos brancos com as negras? Será a única forma de acabar com essa imoralidade que é a mestiçagem.

AYRES — Um momento, um momento. Não sejamos tão radicais. Afinal de contas somos portugueses.

- Nossa obrigação é a de alertar todos os vassallos de Portugal contra o perigo da infiltração negra.

DOM PEDRO — Disseste bem, devemos preparar uma verdadeira campanha de arregimentação contra o perigo iminente. As mulheres cabe grande parte dessa tarefa.

CONQUISTA DA OPINIÃO PÚBLICA

58

Cuidado, cuidado, não se deixe enganar. O perigo negro existe o negro é um perigo para a nossa tradição Você que se comove. pensando que o negro só deseja a paz é um pobre enganado pensando assim só ajuda Satanás.

Cuidado, cuidado, protejam suas filhas que os negros estão aí não as deixe sem cuidado os negros são malvados. E, seviciam-nas, escandalizam-nas, [brutalizam-nas] E, estupram, estupram, estupram.

Deus te ouça, papai.

CANTADOR:

Numa fazenda num longe da mesma [capitania] Havia escrava sofredora que apanhava [e não fugia. Era mulher de um ganga o amor que Ganga Zona queria, Gongoba geradora de um filho rei que crescia. Ganga Zumba foi gerado em noite de temporal.

Gongoba saia do açote, mas para espanto geral deu a luz um filho grande sem dôres e nenhum mal. Filho de um ganga nascia mas isto ninguém sabia, pois a mãe fazia segredo de tal

Ganga Zumba já crescido Só era chamado Antão era rei desconhecido e de ser príncipe sabia não

Foi então num belo dia que Gongoba resolveu dizer ao espanto que ouvia da realeza sua razão.

Contou a Antão espantado como nasceu num porão, filho de Ganga afamado, Ganga Zona seu patrão.

Fêz-se silêncio gelado durante tôda a narração.

GONGOBA — Assim foi, tu é filho de Ganga Zona, Zirimão dos reis cabaça de Aludá. Tu é Ganga também, filho. Num é aqui teu pôsto, já tá grandinho, meu ganga, e deve ir pra Palmar. Lá procura Zambi e aprende as arte das guerra e um dia todo êsse povo tu vai governar, filho meu.

- Ganga Zumba tá cum môis, Ganga Zumba, bisneto de Zambi.

TODOS — Dunga tará. Dunga tará sinherê.

- Ganga Zumba nasceu.

- É príncipe. Bisneto de Zambi.

- Já se foi moleque então. É Ganga Zumba que cresceu.

60

- Sinherê, meu pai. (TRECHO DE GANGA ZUMBA, ENTRADA DA SINHA).

CLOTILDE -- Veja isso, feitor. A que se deve tanta malcriação e gritalhada.

FEITOR -- Que foi, negrada? Que aconteceu pra tanta mexida?

(CÔRC SURDO COM REFRÃO DE GANGA ZUMBA).



CLOTILDE — Estão querendo castigo? Pois vão ter. É essa negra que não me dá sossego. Açoita essa negra descarada. Açoita até o amanhecer.

— Proteja a mãe de ganga.

61

GONGOBA — Peste de marafa. Mata eu que missão minha já cumpri.

(DOMINAM GONGOBA (CÓRO BAIXINHO "O AÇOITE BATEU").

CLOTILDE — O senhor vê, Padre, e eu tenho um coração tão fraco, que apesar das ofensas ainda sinto pena.

PADRE — A bondade excessiva é um peccadilho, senhora dona Clotilde. Afinal, uma reprimenda de vez em quando êsses escravos merecem.

CLOTILDE — E estão cada vez piores. Antigamente dava gosto ver: cada negro robusto, grande, forte, com os peitos nus, os braços rijos... As negras a gente já comprava com cria na barriga e era um atrás do outro. E como trabalhavam.

PADRE — Havia maior piedade cristã nos negócios D. Clotilde.

— Vai me desculpá, mas a escrava de nome Gongoba acaba de falecer.

CÓRO

O açoite bateu, o açoite bateu
bateu tantas vêzes que o açoite matou.

CLOTILDE — Não é do preço que eu me queixo...

PADRE — O diabo é que essa negra morreu sem a extrema unção... Isso é que foi o diabo... fêsse maldito desse feitor podia ter me avisado... eu ia correndo lá embaixo e pelo menos a extrema unção...

CLOTILDE — Sabe padre, meu coração é tão mole.. Eu sinto até uma pitadinha de remorsos...

PADRE — Remorsos, senhora dona Clotilde? Remorsos não se há de tê-los por muito zelo para com aqueles que de nós dependem. Para a salvação das almas mais aproveita o castigo em sendo mais que em sendo menos. Em sendo mais, melhor prá êles que mais facilmente ganham o reino dos céus.

CLOTILDE — Mas morrer assim, sem religião...

PADRE — Pode ficar tranqüila. Vou correndo dizer ao bispo que a culpa foi tôda daquele malvado do feitor. O bispo é compreensivo...

CLOTILDE — E me faça um favor. Passando pelo mercado, dê uma olhada e veja se tem lá uma negra boa, de muitos que fazeres para o serviço da casa.

PADRE — Pois não, senhora dona. Eu mesmo careço de uma que seja de serventia na casa paroquial.

(CÓRO AUMENTA "O AÇOITE BATEU")

62

— E Ganga Zumba lá vai pela estrada..

— Ganga Zumba olá! Vai alegre de peito estufado...

— Psiu, num incomoda êle, é futuro Rei...

— Ganga Zumba tá sorrindo...

— Pensando em que?

— Sei lá, pode sê bem em Aruanda, pelo jeito tão esperançado...

— E coisa nenhuma, é em Palmares, tão só

— Ganga Zumba, cuidado, cuidado...

— O que é?

GANGA ZUMBA — Ei, cafunge da minha esperança, cresce logo fio, que a gente precisa de braço. Qual o que, deixa está, que quando tu fô tão grande que possa entendê as coisa, eias vão sê diferente dessa de hoje...

Upa negrinho, upa!
Upa prá lá e prá cá
Virge, que coisa mais linda
Upa, negrinho começando a andá

63

Cresce negrinho, me abraça
Cresce, me ensina a cantá
Eu vim de tanta desgraça
mas muito te possô ensiná
Ziquizira, posso tirá
Valentia eu posso emprestá
Mas liberdade, só posso esperá.

(Bis da 1.ª Parte)

64

MAGNANIMIDADE DO GOVERNO

(RUFAR DE CAIXA E FLAUTIM; DOM PEDRO DE ALMEIDA ESTÁ NO CENTRO RECEBENDO INFORMES)

65

— Senhor meu, numa emboscada dos negros, nas proximidades de Andalaquituxe, foram mortos 137 brancos.

61



— Meu senhor, suplico a Vossa Magnanimidade, tôda a companhia sob o meu comando foi dizimada em luta com os negros as margens do rio Segou.

— Excelentíssimo Governador da Capitania — A cidade de Serinhaem pesarosamente comunica que não mais poderá colaborar no combate contra os negros com a quantidade prometida de espingardas e fuzis.

— Excelência, comunicamos que a cidade de Penedo de São Francisco está disposta a colaborar no combate aos negros enviando ao Tesouro da Capitania a importância de 200\$000.

— Senhor meu, cumpre-nos comunicar que notícias oficiais dão conta de que até hoje, em tôda a capitania, morreram em luta contra os quilombos dos Palmares, 27.638 soldados brancos.

— Mais de uma centenas de mulheres brancas foram raptadas...

— Muitas foram engravidadas.

DOM PEDRO — Eu Dom Pedro de Almeida, Governador desta capitania, pesando as circunstâncias e imbuído do melhor espírito cristão, ao rei Zambí ofereço a paz; terras para sua vivenda, comércio com o seu trabalho e mais suas mulheres e filhos em nosso poder. Qual a vossa resposta, embaixador de Palmares?

NEGRO — Nosso unreis Zambí, pesando as circuntança e nas benção de Olorum aceita a paz. Pode os morador se dar por seguro, as fazenda por aumentada e os caminho por desempeido.

ASSINARAM A PAZ

Assinaram a paz (bis)
será bom, será mau,
só se sabe com certeza
que ninguém mais morrerá.

Chega de guerra e espanto,
vamos todos trabalhar,
Há muito o que fazer,
toca toca a comerciar.

Viva o nosso governador
Pedro de Almeida meu bom senhor
Salve Zambí da floresta
que é bom negociador.

Assinaram a paz (bis)
será bom, será mau
ninguém sabe o que será.

REALISMO POLÍTICO

(RUFO, FLAUTA E VIOLÃO AGRESSIVOS-
PRENUNCIANDO CANÇÃO DE GUERRA)

ARAUTO — Em nome de sua Alteza real que Deus Guarde e da Coroa Portuguesa, faço saber a todos os moradores desta capitania que hoje, dia 1.º de julho de 1788, hei por bem destituir a Dom Pedro de Almeida do seu cargo de Governador, para o qual nomeio Dom Ayres de Souza de Castro, dono e senhor de atos enérgicos e resolução.

66

CÓRO MEDROSO:

Passaram Dom Pedro pra traz,
passaram Dom Pedro pra traz,
será bom, será mal,
ninguém sabe o que será.

ARAUTO — Sua Excelência, o nôvo Governador, Dom Ayres de Souza de Castro.

DOM AYRES — Senhores, da discussão nasce a sabedoria. Opiniões diversas devem ser proclamadas, defendidas, protestadas. O dever do Governador dessa Capitania é a todos ouvir, porém devem agir exclusivamente segundo lhe ordena sua própria consciência individual. Sejamos magnânicos na discussão, mas duros na ação. Plurais na opinião, singulares na obediência de minha ordem. Descontentes haverá, e sempre. Um govêrno enérgico toma medidas impopulares de proteção à coroa, não aos insatisfeitos.

Meu govêrno será impopular, e assim, há de vencer, passo a passo dentro da lei que eu mesmo hei de fazer. Senhores, vós guerreais como quem faz política. Eu farei política como quem guerreia. Vossas entradas são derrotadas pela pluralidade de opiniões e partidos de pensamento. Minhas entradas serão vitoriosas pela unicidade do ataque. A independência é necessária na teoria, na prática vigora a inter-dependência. Não é aqui, neste Brasil, que as decisões políticas devem ser tomadas: é na Metrópole, nossa Mãe Pátria, a quem devemos lealdade, a quem devemos servir como vassalos fiéis. Nossos bravos soldados valentemente lutaram contra o estrangeiro holandês. Nossos heróis formavam um belo exército: já não necessitamos de exército. Necessitamos de uma força repressiva, poli-

~~Novembro-Dezembro, 1970~~

TEATRO DE ARENA : 226-0242
Av. Borges de Medeiros, 835 — CEP 90010



cial. Unamo-nos todos a serviço do rei de fora, contra o inimigo de dentro.

CANTADOR:

Enquanto tudo muda
no mundo dos branco,
Ganga Zumba é aclamado
em Palmares recém chegado.

67

- Ganga Zumba!
- Assinaram a paz!

(CÔRO CANTA "VENHA SER FELIZ" QUE SE INTERCALA COM CÔRO DOS BRANCOS)

Venha, venha ser feliz, ai venha,
largue o seu senhor e venha
venha que o amor só nasce aqui.

Venha que essa terra é nossa
e o trabalho é bom, sinherê!

Tenha paz no coração, sorria enfim,
Venha que esta terra é santa e melhor
[não há, sinherê.

Aruanda pode ser a paz, mas não é pra já
Paz na terra é um nunca se acabar
do amor que a gente quer, ai venha
Vem meu bom irmão, vem ser feliz
Ganga Zumba é moço Ganga, é menino
[rei, Sinherê.

CANTADOR:

É justo neste instante, instante de
[espanto e emoção
que paramos nossa estória prá aliviar
[atenção.
Temos nós nosso direito de dar
[descanso à falação
Tome café no barzinho que depois
[vem continuação.
Até já meu senhorzinho, se não gostou
[peço perdão,
Até já irmão, até já irmão.

FIM DO PRIMEIRO ATO

Marília Medalha, Guarnieri, Lima Duarte e outros numa cena de ARENA CONTA ZUMBI, de Augusto Boal e Guarnieri, pelo Arena de São Paulo.



SEGUNDO ATO

(RITMO, ATABAQUE)

68

CANTADOR 1:

E chega pois o momento
Por você tão esperado
de ter prosseguimento
a estória em bom contato
De Zumbi dos Palmares,
E do branco alvoroçado
Contra o quilombo negro
em grande guerra devotado

CANTADOR 2:

No Palmares reinava a paz,
e o trabalho era alegrado
por Ganga Zumba contente,
tipo do Ganga humorado.
Na cidade porém havia
um plano bem preparado
de acabar com a alegria
dêsse negro desavisado.

CÓRO:

O nôvo Governador,
cheio de austeridade
fêz nova proclamação
para a gente da cidade...

69

(RUFLOS E FLAUTIM)

DOM AYRES — Faço saber aos que esta carta patente virem que convém nomear um Capitão-Mór de Campo para, com gente armada, andar em seguimento aos negros fugidos e levantados. E como convém que a pessoa que houver de ocupar o dito pôsto seja prática de valor e resolução para — nas ocasiões que se oferecerem — prender, torturar, castigar e matar êstes negros fugidos e levantados. Tôdas estas qualidades estão presentes em Fernão Carrilho, morador em São Miguel — que bem serviu sempre à Sua Alteza, que Deus Guarde, já tendo aprisionado mais de cem escravos e morto trinta e sete entre machos, fêmeas e crias menores de dez anos. Portanto, agora o elejo e nomeio Capitão-Mór para que, com a gente que lhe parecer, corra os lugares por onde houver notícia andam os negros fugidos e os prenderá, e quando se lhes

resistam poderá matá-los livremente, conforme dispõe as leis.

ESCRIVÃO — E não diz mais a dita patente a qual eu, Pero Bezerra escrivão da Câmara, bem e fielmente tresladei.

CÓRO:

70

Nomearam um Capitão
Será bom, será mau
Ninguém sabe o que fazer.

De onde é, que fará,
eu sei lá, não é bom
já não sei o que pensar...

Cá pra mim eu bem sei,
é mais sangue a derramar,
vai a guerra começar.

CARRILHO — Capistrano! Reune os quatrocentos homens que Dom Ayres prometeu!

CAPISTRANO — Senhor não!

CARRILHO — Como não?

CAPISTRANO — É impossível D. Carrilho.

CARRILHO — Por que?

CAPISTRANO — Porque não existem. Temos só 185...

CARRILHO — E o resto onde está?

CAPISTRANO — Pois é, meu Capitão...

São os homens de Serinhaem que não vieram...

CARRILHO — E não vieram porque?

CAPISTRANO — A cidade se recusa a mandar...

CARRILHO — Ah, é!? E os quatrocentos fuzis?

CAPISTRANO — Só cento e oitenta e cinco, senhor.

CARRILHO — O resto Serinhaem...

CAPISTRANO — Pois é, meu Capitão... se recusa a mandar.

CARRILHO — Sei!

CAPISTRANO — Além disso, meu Capitão, há notícia que estão faltando. E o próprio Ganga Zona está lá acertando o preço.

CARRILHO — Estupendo! Reune a tropa que resta.

CAPISTRANO — Senhor sim, meu Capitão!

Companhia, sentido! Capitão-Mór D. Fernão Carrilho!

~~Setembro - Dezembro, 1950~~



CARRILHO — Soldados !O número não dá nem tira o ânimo aos valorosos. Pôsto que a multidão dos inimigos é grande, é também multidão de escravos e covardes, a quem a natureza criou mais para obedecer do que para resistir. Nossos inimigos vão pelejar como fugidos, nós os vamos buscar como senhores. Nenhum dos meus soldados defende o alheio, mas todos pelejam pelo próprio. Para o meu trabalho não quero outro prêmio além do bom sucesso. Meu intento é buscar maior poder, pois quero acabar ou vencer.

SOLDADOS — Abaixo Palmares! Morte aos negros!

CARRILHO — Dom Ayres, meu Governador, estamos prontos para a luta. Palmares será destruído!

DOM AYRES — A derrota de Palmares está próxima. No entanto, a primeira etapa desta luta definitiva para a moralização da Capitania será dirigida contra a traição. Nossa primeira campanha será contra a traidora cidade de Serinhaem!

71

CÓRO:

Branco contra branco
o que há, o que é, como é?
Assaltar Serinhaem,
não é bom, isso é mau
por que é?

Que pretende D. Fernão,
Será bom, será mau,
ninguém sabe o que será!

DANDARA — Ganga Zumba!

GANGA ZUMBA — Ói!

DANDARA — Vem vê só o peixe que apanhei...

GANGA ZUMBA — Maior que o meu não é...

DANDARA — Maior sim, meu Ganga...

GANGA ZUMBA — Vem deixa de pescaria. Vem prá cá junto do seu ganga!

DANDARA — Tô aqui...

72

(CANÇÃO DE AMOR SEM LETRA)

NEGRO — Ganga Zumba, meu ganga...
Perdoa irmão, os home do odiento, do tal do Capitão.

GANGA ZUMBA — Tão avançando?

NEGRO — Tão nada. Foram pro lado de Serinhaem. Não deixaram nem toco pra contá a história... Cabaram com tudo...

GANGA ZUMBA — Como é que é? Branco contra branco?

NEGRO — Sei lá. Deve ter sido por causa dos fuzil.

GANGA ZUMBA — Deve ser...

NEGRO — Tem mais. Pegaram Ganga Zona.

(CORTE RÁPIDO DE LUZ)

73

CÓRO — Pega o nêgo

Caça o nêgo

Mata o nêgo (4 vêzes)

NEGRO — Mataram Ganga Zona, meu Ganga.

GANGA ZUMBA — Já contou a Zambi.

NEGRO — Já.

GANGA ZUMBA — Qual as ordem?

NEGRO — Nenhuma meu Ganga.

GANGA ZUMBA — Num mandou vingança?

NEGRO — Até agora não. Melhor que meu Ganga fale com nossum reis.

DANDARA — Zambi tá velho, meu Ganga. Só tu vai podê dar as ordem.

GANGA ZUMBA — Cala Dandara. Não fala assim de nossum reis. Nossum reis sabe o que fazê.

DANDARA — Só tu vai podê lutá.

GANGA ZUMBA — Si cala, já falei. Num si importa. Morte de Ganga Zona vai tê vingança.

DANDARA — Vai falá com Zambi.

GANGA ZUMBA — E foi na hora que nós estava mais calado, no melhor viver da vida correndo. Pra nós não tem descanso.

CÓRO — O açoite bateu

O açoite bateu

Bateu tantas vêzes

que matou meu pai.

Ai, sol que já tá pra nascê

Nada de nôvo vai dá

Meu sonho de vida acabou

Nem teu amor vai me valer.

REFRAO — O açoite bateu...

Não, não quero ser mais assim

Viver tão dentro de mim

Vou, vou procurar um amor

Feito de gente sem fim.

Eu quero só viver assim.

Vontade de existir

Ter modo de saber

o que a gente não tem

pra ser gente também. (bis)

48



REVISTA DE TEATRO

CÓRO — O açoite bateu
o açoite ensinou
bateu tantas vezes (bis)
que a gente cansou.

71

Tanto cansou, entendeu
que lutar afinal
é um modo de crer
é um modo de ter
razão de ser.

CÓRO — O açoite bateu
o açoite ensinou
bateu tantas vezes
que a gente cansou.

75

ZAMBI — Tu é Ganga Zumba, filho de
Ganga que morreu Com a morte de Ganga
Zona tu é que dêsse trono vai ser o próximo
senhor. Tu e só tu, com tua fôrça e tua cora-
gem... Zambi tá veinho, veinho. De Zambi
tá sobrando fama só, meu Ganga menino...

GANGA ZUMBA — Espero as ordens meu
reis.

ZAMBI — Menino Zumba precisa subi nes-
se trono. Pra isso carece reis velho cufá pri-
meiro. Pra governá teu povo, menino, presta
atenção nos de mais idade; mesmo as ânsia
dos moço precisa sê ouvida. Escuta bem, pres-
ta deixá quizila esfriá não! Branco que tome
ferro nas tripa! Eles tem muito pra ensiná.
Ensinaru prá num si falá com caridade prá
inimigo nenhum; ensinaru matá; matá mu-
lhé, matá filho, tomá casa, terra, ouro... Pe-
ga todo êsse ensinado e faz dêle um mote de
gunverno... Aqueles sacana, filho, tem seu
gunverno. gunverno de safadage, mas tem seu
gunverno! Chama as criança dos Quilombo,
tôdas elas. Das de peito às maior de já enten-
dimento.

76

Eu vivo num tempo de guerra
Eu vivo num tempo sem sol
Só quem não sabe das coisas
É um homem capaz de rir.
Ai triste tempo presente
em que falar de amor e flor
é esquecer que tanta gente
tá sofrendo tanta dor.

Todo mundo me diz
que devo cumê e bebê
mas como é que eu posso comer
mas como é que eu posso beber

se eu sei que estou tirando
o que vou comer e beber
de um irmão que está com fome
de um irmão que está com sede
de um irmão.

Mas mesmo assim eu como e bebo.
Mas mesmo assim, essa é a verdade.

Dizem crenças antigas
que viver não é lutar.
Que sábio é o que consegue
ao mal com o bem pagar.
Quem esquece a própria vontade,
quem aceita não ter seu desejo
é tido por todos um sábio.

É isso que eu sempre vejo
e é isso que eu digo Não!

Eu sei que é preciso vencer
Eu sei que é preciso brigar
Eu sei que é preciso morrer
Eu sei que é preciso matar.

CÓRO:

É um tempo de guerra, é um tempo
[sem sol (bis)]

Sem sol, sem sol, tem dó. (bis)

ZAMBI — Eu vivi nas cidades no tempo
das desordem. Eu vivi no meio da minha gen-
te no tempo da revolta. Assim passei os tem-
po que me deram pra vivê. Eu me levantei
com a minha gente, comi minha comida no
meio das batalha. Amei, sem ter cuidado...
Olhei tudo que via, sem tempo de bem ver...
Assim passei os tempo que me deram pra
viver. A voz da minha gente se levantou e
minha voz junto com a dela. Minha voz não
pode muito mas gritá eu bem gritei. Tenho
certeza que os donos dessas terra e Sesmaria
ficaria mais contente se não ouvisse a mi-
nha voz... Assim passei os tempo que me de-
ram pra viver.

CÓRO:

É um tempo de guerra, etc...

E você que me prossegue
e vai ser feliz a terra,
lembre bem do nosso tempo,
dêste tempo que é de guerra.

É um tempo...



Veja bem que preparando
o caminho da amizade
não podemos ser amigos
ao mal vamos dar maldade

É um tempo...

Se você chegar a ver
essa terra da amizade,
onde o homem ajuda o homem,
pense em nós só com bondade.

É um tempo...

77

ZAMBI — Essa terra eu não vou ver...
(PAUSA LONGA) Ganga Zumba, segue os con-
selho do rei... Olorum-Didé.

(SACA DE UM PUNHAL E SE FERE; LEN-
TAMENTE CAI ENQUANTO A LUZ SAI
EM RESISTENCIA; FALUTA DÓCE; TO-
DOS CANTAM A "MORTE DE ZAMBI")

Zambi meu pai, Zambi meu rei,
Última prece que rezou
Foi da beleza de viver,
Olorum didê. (bis)
Longe, num tão longe além do mar
Meu rei guerreiro diz adeus
a quem vai ficar.

78

Diz prá sua gente não desesperar,
Zambi morreu, se foi, mas vai voltar

79

em cada negrinho que chorar.

80

81

GANGA ZUMBA — Quilombola! Nossim
Reis Zambi morreu abrindo as picadas para
nossa liberdade. Os branco quer nós de joelho.
Nós vamo ajoelhá os branco. Queremo terra
onde o homem ajude o homem. E é preciso
acabá com os Homem que esconde essa terra.
Chamo todo meu povo prá luta, sem fim!
Ganga Zona e Zambi serão vingado!

TODOS — Ganga Zumba é Zumbi! (3
vézes).

(CORTE NA LUZ: ABRE EM CENA DE DOM
AYRES E MORDOMO)

82

MORDOMO — Dom Ayres, Sua Eminência
o Bispo de Pernambuco...

DOM AYRES — Que entre.

(SAI O MORDOMO E ENTRA O BISPO)

BISPO — Que Deus o Guarde, meu Go-
vernador!

DOM AYRES — Sua bênção, meu Bispo.

BISPO — Soube que V. Excia. elegeu o
paulista Domingos Jorge Velho para coman-
dar as entradas definitivas contra Palmares.

DOM AYRES — É exato, Eminência.

BISPO — Este homem é um dos maiores
selvagens com que tenho topado. Quando se
avistou comigo, trouxe consigo intérprete por-
que nem falar sabe; nem se diferencia do mais
bárbaro tapúia mais que em dizer-se que é
cristão. E não obstante o haver-se casado de
pouco, lhe assistem sete índias concubinas e
daqui se pode inferir como procede no mais;
tendo sido a sua vida, desde que teve uso da
razão, se é que a teve, porque se assim foi
por certo a perdeu, e creio que não a encon-
trará com facilidade, uma série de vilanias, e
ainda hoje anda pelos matos à caça de índios
e de índias, essas para o exercício de suas
torpezas e aquêles para os granjeiros de seus
interesses; e os homens que com êle vão, são
piores mesmo que os negros dos Quilombos.
Em resumo Excia. êsse é exatamente o ho-
mem que necessitamos.

MORDOMO — Capitão-Mór Domingos
Jorge Velho.

DOM AYRES — Que entre.

(ENTRA DOMINGOS JORGE VELHO DE-
SENVOLTO)

DOMINGOS — Salve, Governador... Ah,
Eminência, há quanto tempo! Assim é que eu
gosto, Estado e Igreja em perfeita harmonia!
Só faltava o exército, heim?... Ha, ha, ha!

DOM AYRES — Fique a vontade, Capitão.
Muito grato em saber que tão prontamente
atendeu ao meu chamado. Gostaríamos de
conhecer os planos da campanha.

DOMINGOS — Para os meus homens, que-
ro os quintos das prêsas — quero dizer vinte
por cento, justo? — e mais, sesmarias nas
terras dos Palmares e quero oito mil réis para
cada negro que fugindo de meus homens volte
com suas pernas aos seus senhores, e quero
poder prender qualquer morador da Capitania
que socorra os negros, seja pessoa de qualquer
qualidade, e quero que V. Excia. perdoe os
crimes que os paulistas que me seguem te-
nham porventura cometido, justo?

DOM AYRES — Razoável. Mas os planos
de ataque?

DOMINGOS — Acalme-se... Quero ainda
que V. Excia. ordene que nenhum criminoso
seja prêso se estiver comigo combatendo en-
quanto durar a campanha...

20



REVISTA DE TEATRO

DOM AYRES (já aborrecido) — Certo, mas os planos?

DOMINGOS — Muitos moradores, meus patrícios, estão vindo para o norte porque em São Paulo não há mais onde se plante e onde se lavre. V. Excia. me dará um paralelogramo de terra onde fundarei uma cidade com pelourinho e igreja onde se possa celebrar missa com decência; a alguma filha minha, ou a minha viúva, V. Excia. terá de conceder seis leguas de terra. Evidentemente, com as cláusulas costumeiras do dízimo a Deus.

BISPO — Neste particular, é certo que se tem dado mais terras do que se tem descoberto. Os homens as pedem com largueza e o Governador as dá com liberalidade. E assim não duvido que nos Palmares estejam dadas mais terras do que neles há...

DOM AYRES — Sim, mas os planos?

DOMINGOS — Ah, os planos?... os planos de campanha?

DOM AYRES — Sim, Capitão.

DOMINGOS — Bem, os planos são: conquistar a paz... por etapas... Que acha Eminência? (O Bispo faz um gesto ambíguo) Em primeiro lugar, como advertência, isolamos Palmares proibindo o comércio, o trânsito, a simples aproximação. Evidentemente, a pena imposta aos contraventores será a pena de morte. Se assim não conseguirmos a rendição dêsse... dêsse...

DOM AYRES — Ganga Zumba.

DOMINGOS (Depois de tentar repetir os nomes em vão) — Dêsse negro, evoluiremos para um novo tipo de guerra! Procuram-se os negros atingidos por doenças contagiosas. Febres, tísica, peste, varíola — constituiremos grupos e os tangeremos a procura da liberdade em Palmares... Se ainda assim houver sobreviventes que insistam em não se entregar, faremos uma severa advertência, queimando e exterminando as populações dos quilombos mais próximos. Velhos, mulheres, crianças, todos... e se a estupidez chegar a ponto de nem assim conseguirmos a rendição, então será o extermínio total. Nenhum negro fugido ficara em vida. Teremos enfim, conquistado a paz!

DOM AYRES — Senhor Capitão, por várias vezes tenho dito que os paulistas são a melhor ou a única defesa que têm os povos do Brasil contra os inimigos do sertão. Por esta causa se fazem dignos de toda a honra e mercê...

84
BISPO — Aos negros devemos acabar, pois vivem com tal liberalidade, sem lembrança da outra vida e com tal soltura como se não houvesse justiça, porque a de Deus não a temem e a da terra não lhes chega. O hábito da liberdade faz o homem perigoso.

DOM AYRES — Capitão-Mór, Domingos Jorge Velho, é-nos uma honra contar com vossos préstimos. Que se dê início imediato ao plano de campanha.

DOMINGOS — É meu dever, Excia. Mas partir não posso se não tiver antes as bênçãos da igreja. Que se faça algum ato de religião para que patrocine o céu a jornada...

BISPO — E para que se saiba em toda a parte que Deus apoia os portugueses!

85
O CÔRO VOCALIZA O INICIO DO RITUAL LITÚRGICO EM HONRA DA PRIMEIRA INVESTIDA DE DOMINGOS JORGE VELHO. (CONTRA PALMARES)

CÔRO:

Creio na vitória do bem que há de vencer a maldade. Creio na vitória do bem quando é em nome da verdade.

Verdade é acabar com o negro. Açoitar o atrevimento de contra Deus se insurgir. Somos de Deus instrumento.

Pois a terra que floresce contra a lei contra a razão, não tem bom florescimento a não ser na nossa mão.

Se creio em Deus, creio no açoite pois castigar é ajudar. Creio que só castigado o negro ao céu vai chegar.

CANTADOR 1:

E a sorte foi lançada, o massacre ordenado. Ganga Zumba procurava ter seu povo animado. Mil e uma emboscada, Escaramuça se travava Ganga Zumba com bravura pessoalmente comandava.

~~Novembro-Dezembro, 1977~~



CÓRO DO CULTO:

A guerra é uma ciência onde não existe o bem nem o mal. Frieza, fôrça e inteligência conquistam a vitória final.

TEMA DOS NEGROS:

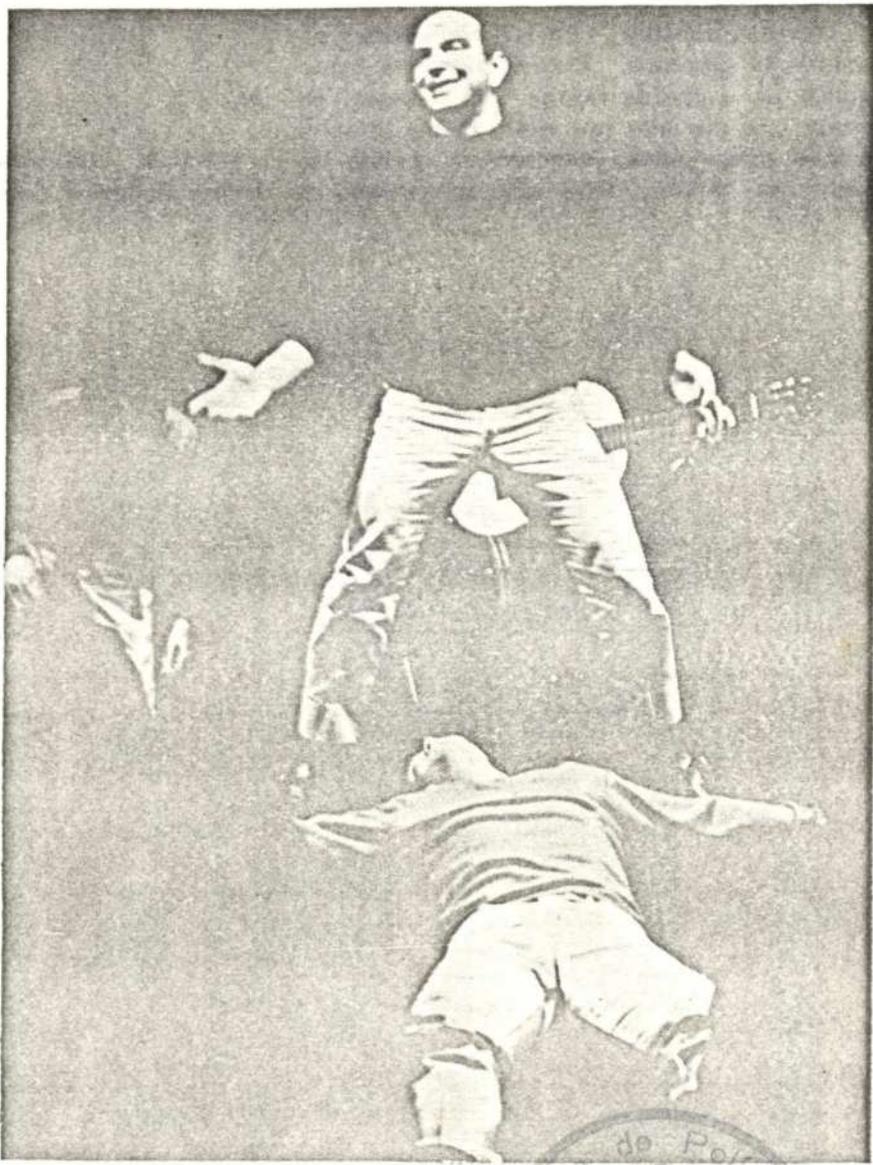
Ganga Zumba é Zumbi (três vêzes)

GANGA ZUMBA — Quilombolas! Tudo estão fazendo prá-acabá com nós e nós resiste. Nossa esperança é lutá! Lutá sem descanso até não podê mais. Tão usando de tudo. Até mesmo a doença de nossa gente tão usando contra nós. Mas nós resiste. É o que fica pra negro escravizado. Quilombo em luta, faço chamada de apêlo! Meu irmão Ganga de Quilomange!

- SILÊNCIO
- Irmão Ganga de Quiloange!
- ACORDE;
- Quilombo de Arotirene.
- ACORDE;
- De Dambrabanga!
- ACORDE;
- Quilombola valente da Cêrca do Amaro!
- Da Cêrca do Amaro, irmão!
- ACORDE.
- Irmão de Andalaquituxe!
- Um homem presente, meu reis!
- Mocambo de Ataboca!
- ACORDE.

GANGA ZUMBA — Não responderu! Quisera tá nesse encontro em Aruanda. Mas me discurve que ainda tem muito que fazê aqui. Aos que fica peguem nas arma e agente o

LIMA DUARTE em ARENA CONTA ZUMBI, de Boal e Guarnieri, pela Companhia do Arena de São Paulo.



Novembro-Dezembro, 1979

TEATRO DE ARENA - 226-0242
Av. Borges de Medeiros, 835 — CEP 90010



cêrco no centro até que chegue o grosso das tropa déles. É ordem de Zumbi! Zumbi dos Palmar!

88

CÓRO — Pega o negro
caça o negro
mata o negro
mata o negro
mata o negro
mata o negro

TODOS — Tá perdido, Ganga Zumba. Se entrega pro cativoiro que é teu lugar!

89

GANGA ZUMBA — Quantos semos? QUANTOS SEMOS?

(INÍCIO DO TEMA DO "VENHA SER FELIZ"
NO VIOLÃO)

GANGA ZUMBA — Eu vivi nas cidades no tempo da desordem. Vivi no meio da gente minha no tempo da revolta. Assim passei os tempo que me deru prá vivê. Eu me levantei com a minha gente, comi minha comida no meio das batalha. Amei sem tê cuidado...

oihei tudo que via sem tempo de bem ver... por querer liberdade. A voz de minha gente se levantou. Por querer liberdade. E minha voz junto com a dela. Minha voz não pode muito, mas gritá eu bem gritei. Tenho certeza que os dono dessas terra e sesmaria ficaria mais contente se não ouvisse a minha voz... Assim passei o tempo que me deru prá vivê. Por querer liberdade.

90

TODOS — Por querer Liberdade!

GANGA ZUMBA (Gritando) — Tanto cansou...

TODOS — Entendeu que lutar afinal é um modo de crer é um modo de ter razão de ser.

O açoite bateu, o açoite

[ensinou

bateu tantas vêzes que a

[gente cansou!!!

91

ATOR — E assim termina a estória que bem e fielmente tresladamos. Boa noite!

F I M

